BRAVA GENTE
REVISTA
BRASILEIRA
ACI
www.causaimperial.org.br/BravaGente
Florianópolis, 1.º de Novembro de 2009
Ano I, N.º10

120 Anos
Imperatriz Teresa Cristina

BRAVA GENTE REVISTA BRASILEIRA

1 de Novembro de 2009

ÍNDICE

03

IMPERATRIZ

Uma breve história sobre a nossa Imperatriz

120 anos de sua morte

23

DENÚNCIA

Estado deplorável do Palácio São Cristovão

Palácio Imperial

Editorial.....02

CAPA

Teresa Cristina, Imperatriz do Brasil.....03

ENTREVISTA

Príncipe Dom Antônio parte 2.....10

ARTIGOS

Palácio São Cristovão e seu estado..... 23
Estudante de Jornalismo publica livro sobre Família Imperial.....18

NOTÍCIAS

Príncipe Dom Bertrand em ITU.....26
Casamento Imperial.....27

INTERNACIONAL

Príncipe de Astúrias participa de exercício na OTAN.....28
Príncipe Joaquim da Dinamarca.....28
Duque de Vêndome, Príncipe da França...28

EVENTOS

Congresso Monarquista em Santo Antônio de Pádua.....29

ENTREVISTA, 2ª PARTE

Dom Antonio de Orleans e Bragança

EDITORIAL

Saudações!

Na edição deste mês, optamos por falar um pouco sobre a vida de D. Thereza Christina, a última imperatriz do Brasil, tão ignorada pela historiografia. Quanto à data referente ao golpe da república, mereceria da Revista Brava Gente Brasileira, em sinal de protesto, o mesmo esquecimento a que foi relegada pelos demais meios de comunicação. Afinal, "O que temos a comemorar?" – é o que pergunta nosso colaborador Arnaldo Santana, em seu artigo sobre os 120 anos da República. Em artigo-denúncia, Leandro Mairink e Maria Luiza dos Santos, do escritório ACI/RJ, apontam o péssimo estado de conservação do Palácio São Cristóvão, antiga residência de nossos Imperadores.

EXPEDIENTE

Editores: Felipe Ribeiro e Erivam Bandini Pacheco

Revisão: Eraldo de Souza Leão Filho

Colaboradores desta Edição: Michelly Ribeiro, Leandro Mairink, Arnaldo Santana e Maria Luiza dos Santos

Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores; as demais matérias são de responsabilidade única e exclusividade da revista.

INTERNET: www.causaimperial.org.br/BravaGente/

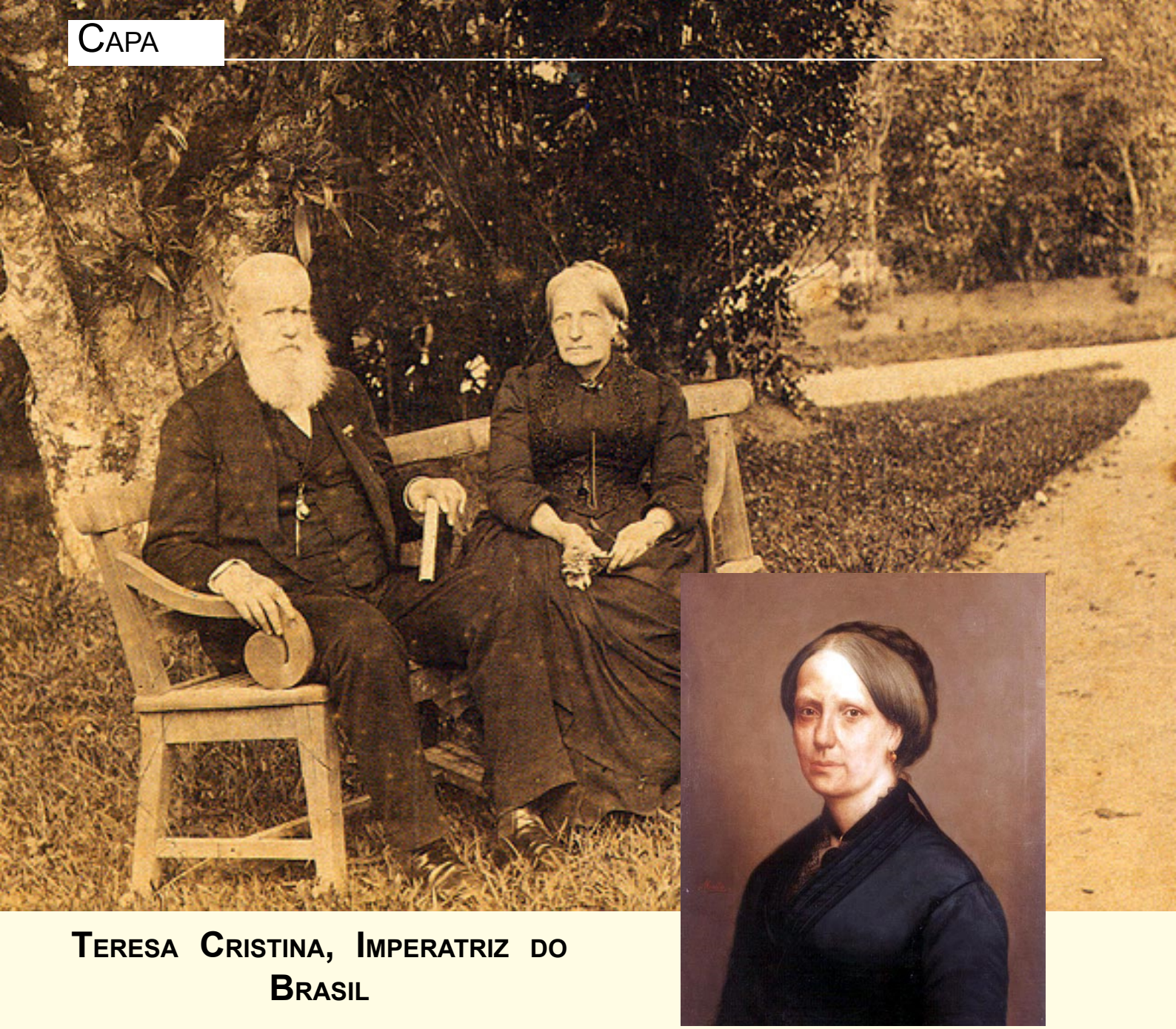
Contato : **bravagente@causaimperial.org.br**

PUBLICAÇÃO DA

ASSOCIAÇÃO CAUSA IMPERIAL
(entidade sem fins lucrativos)
Nossa Senhora do Desterro (SC)

Rua Nossa Senhora do Rosário, 798 – CEP 88095-250 Florianópolis SC
Site Oficial: www.causaimperial.org.br

Dumont Software House
Parceira da ACI



TERESA CRISTINA, IMPERATRIZ DO BRASIL

Nascida em Nápolis, Reino das Duas Sicílias, em 14 de março de 1822 (ano da Independência do Brasil) e falecida na cidade do Porto, Portugal, em 28 de dezembro de 1889 (ano da proclamação da república), curiosamente a vida desta princesa napolitana coincidiu com o período mais glorioso da História do Brasil, o Império.

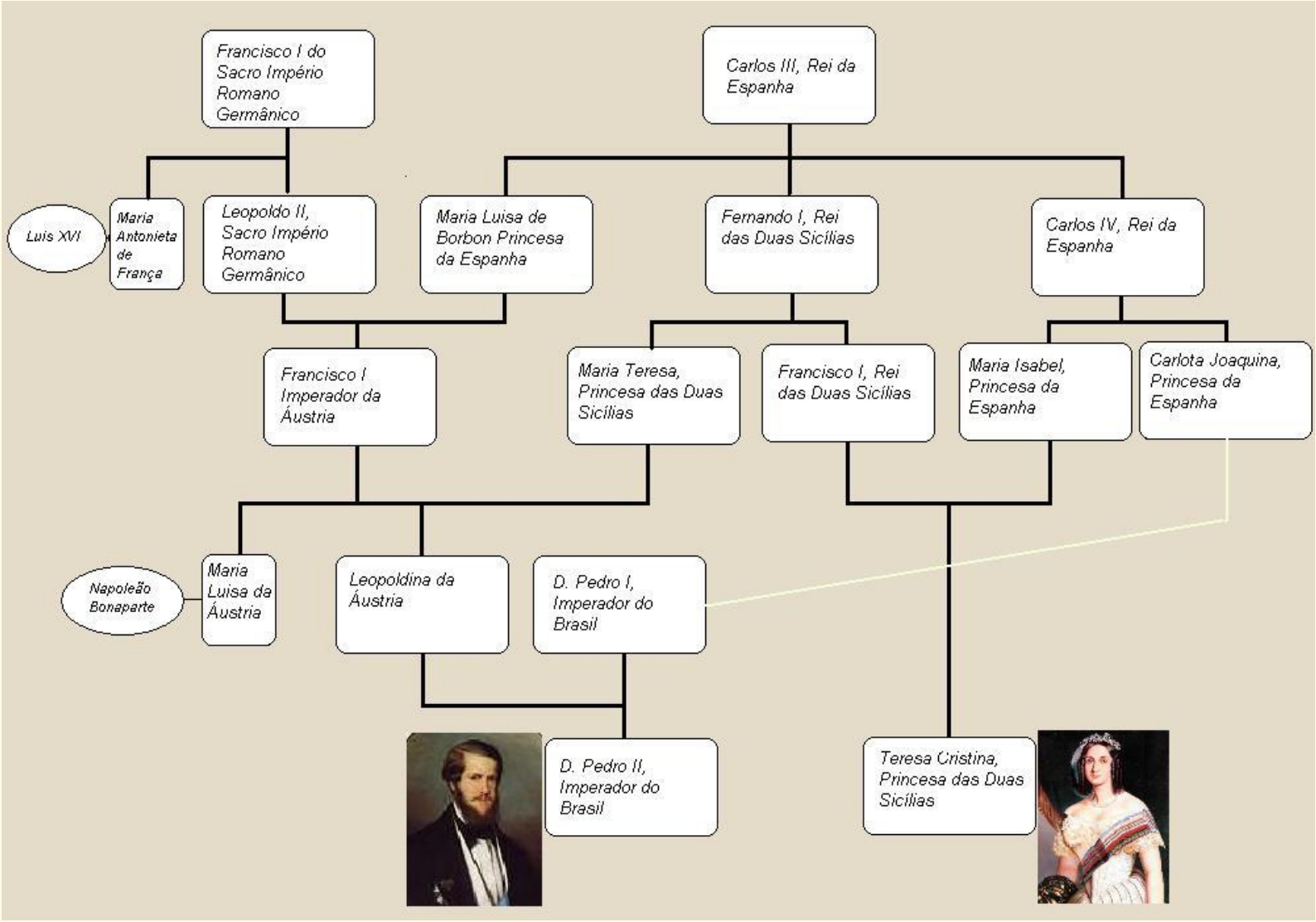
A revista BGB homenageia a Imperatriz Dona *Teresa Cristina Maria Giuseppa Gasparre Baltassare Melchiorre Gennara Rosalia Lucia Francesca d'Assisi Elisabetta Francesca di Padova Donata Bonosa Andrea d'Avelino Rita Liutgarda Geltruda Venancia Taddea Spiridione Rocca Matilde di Borbone e Borbón*, Princesa Real das Duas Sicílias, Princesa de Bourbon-Anjou, nos 120 anos de seu falecimento.

A noiva do Imperador

Nápoles, 1842. Na bela cidade situada às margens do mar Tirreno, de uma janela do palácio real, uma jovem Principessa contemplava o horizonte. Havia completado 20 anos dois meses antes, e agora, dentro de poucos momentos estaria casada por procuração com um jovem soberano de 17 anos, muito alto, magro, louro e de olhos azuis, que reinava em um vasto país além do Oceano, um país maior do que toda a Europa, e muito distante... o seu noivo chamava-se Pedro, e era o Imperador do Brasil.

Eram parentes distantes, por terem um ancestral comum, o Rei Carlos III da Espanha

Quadro: Árvore Genealógica de D. Pedro II e D. Teresa Cristina.



Teresa Cristina daria adeus à sua casa, seus irmãos e suas pesquisas. Havia se dedicado a financiar escavações arqueológicas na localidade de Veio, em um sítio de origem etrusca, e infelizmente não poderia acompanhar as primeiras escavações em Pompéia, que só começariam dali a seis anos. Entretanto, seu irmão, o Rei Fernando II, enviaria ao Brasil algumas das primeiras obras de arte recuperadas nas escavações da cidade soterrada pela erupção do Vesúvio em 79 D.C. Hoje, essas peças estão no Museu Nacional do Brasil (UFRJ), antiga residência imperial, sendo mais de 700 peças denominadas "Coleção Teresa Cristina".

Esta poderia ser uma bela história de príncipes e princesas, se não fosse uma pequena infelicidade: Dona Teresa não era bonita para os padrões da época. Era de pequena estatura, rosto arredondado, e mancava por causa de uma queda na infância. Isso a fazia evitar bailes, e talvez a tenha tornado introspectiva, ao contrário de seu esposo, que era um belo jovem e gostava de dançar.

Quando os esposos finalmente se encontraram, em setembro de 1843, ela já tinha 21 anos e ele 18. Ao ver a esposa tão ansiosamente aguardada, e que havia imaginado tão bela quanto foram a sua mãe e sua madrasta, D. Pedro II decepcionou-se e reagiu mal, porque sua esposa não correspondia à bela jovem do retrato que lhe haviam enviado. "Fui enganado!" teria dito Dom Pedro, e foi somente após uma noite inteira de reflexão, que o rapaz de dezoito anos assumiu seu dever e aceitou a Imperatriz do Brasil, procurando não magoá-la ainda mais.

A vida em comum do casal transcorreu com muita harmonia e profundo afeto. Dona Teresa era uma artista, Dom Pedro um intelectual. Tiveram quatro filhos, dois meninos e duas meninas, e nos primeiros anos viajaram muito pelo Brasil. Podemos dizer que os primeiros quatro anos do casamento foram muito felizes, porém eles logo viriam a perder seus dois filhos varões.

Viagem a Santa Catarina

"Em outubro de 1845, Sant'ana esteve em festa. Suas majestades, D. Pedro d'Alcântara e sua esposa Tereza Cristina estavam presentes. Havia de tudo: Procissão, foguetes, visitas, beija-mão, cerimônia na Igreja, banquetes para agradar os visitantes e sua comitiva. Foi a maior festa que a região havia feito até então.
Entretanto, não foi através desta visita que surgiu o nome de Caldas da Imperatriz, como muitos pensam até hoje. Foi, isto sim, por D. Tereza Cristina ter assumido o título de protetora do Hospital de Caldas do Cubatão, no ano de 1844, doando, inclusive, uma grande soma em dinheiro para a continuidade das obras". ***(Santo Amaro da Imperatriz, Nossa História)***

A visita ocorreu em 1845, logo após o final da Revolução Farroupilha. As lendas locais contam que D. Pedro II tomou um banho gelado no rio, caiu num tombo ao cavalgar, e que possivelmente ali foi gerada a Princesa Isabel, que nasceu em 1846, nove meses depois da visita a Sant'Ana do Cubatão, hoje Santo Amaro da Imperatriz.

D. Pedro II tinha 20 anos e D. Teresa Cristina 23.
O casal também visitou a localidade próxima de São José da Terra Firme, sendo recepcionado com uma grande festa e com o primeiro rodeio realizado no Brasil. Os imperadores ficaram muito impressionados com as exibições dos gaúchos, que deram origem ao atual CTG (Centro de Tradições Gaúchas) Os Praianos. Conta-se que D. Pedro II até dançou um fandango nos Alagados de Campinas – São José.

Dona Teresa Cristina perde dois filhos

Com a morte dos filhos Afonso Pedro (1845-1847) e Pedro Afonso (1848-1850), o casal perdeu parte da alegria, passando a ter uma vida muito severa. Ela dedicou-se à arte, à cultura e à caridade, jamais interferindo nos assuntos de Estado. A preocupação com a Guerra do Paraguai (1864-1870) envelheceu prematuramente o Imperador, mas este sempre encontrou em Dona Teresa Cristina o apoio de esposa serena, embora, dizem, um tanto ciumenta, mas sempre muito digna, como convinha às esposas do século dezenove. Em 1871, o casal sofreria mais um duro golpe, a morte da filha caçula, Leopoldina, vítima da febre tifóide. D. Pedro II e D. Teresa Cristina viajaram para a Áustria para ver os netos órfãos, e

retornaram trazendo o pequeno Pedro Augusto, que criariam como filho.

D. Isabel, a herdeira do trono, não conseguia ter filhos, e D. Pedro II pensou em educar Pedro Augusto para ser eventualmente seu sucessor. Finalmente, após sofrer um aborto e ter dado à luz uma menina morta, a Princesa Isabel conseguiu dar o seu primeiro neto aos Imperadores, o Príncipe Pedro de Alcântara. O parto foi muito difícil e o bebê nasceu com o braço esquerdo paralisado, que apesar dos tratamentos jamais se conseguiu recuperar. Apesar disso o filho era saudável, e em 1878 nasceu seu segundo filho, Dom Luís, e depois Dom Antônio.

Intrigas da Côrte

Os inimigos das Monarquias, especialmente da Monarquia Brasileira, sempre tentaram fazer analogias entre a nossa realeza e alguns escândalos de realezas européias, mas sempre fracassaram – pois o reinado de D. Pedro II caracterizou-se por ser econômico, patriótico, discreto, até mesmo severo. Quando se realizou o Baile da Ilha Fiscal, os livros de História da república logo quiseram caracterizar o Império do Brasil como um período de luxo e exageros, como as antigas Côrtes francesas.

Mas, que tantas festas e bailes seriam esses? Quando os noivos das Princesas Isabel e Leopoldina chegaram, logo foi organizado um baile para comemorar o noivado. Um dos noivos, o Príncipe Gaston de Orléans (Conde D'Eu) comentou, muito espantado com a ansiedade das princesas: "Imagine que essas pobres princesas nunca foram a um baile". Essa era a vida social da Família Imperial.

O Golpe da República

Para a Imperatriz, o exílio equivaleu a uma sentença de morte. Adoentada, foi embarcada às pressas com toda a Família Imperial, e expulsa do Brasil. No navio, com sua filha e netos, ela repetia: "Que mal nós fizemos?".

Em palestra realizada no ano de 2007, a Princesa belga Christine de Ligne, esposa do Príncipe D.Antônio de Orleans e Bragança, conta que a principal preocupação de Dona Teresa Cristina no exílio eram os pobres que ela ajudava, e que com sua ausência ficariam desamparados: "Quem cuidará dos meus pobres?" lamentava a Imperatriz exilada. Após uma vida dedicada ao esposo e à Pátria de adoção, era inimaginável para ela, o fato de ser expulsa do país que tanto amava.

Seus lamentos, porém, pouco duraram. A Imperatriz faleceu no dia 28 de dezembro de 1889, em Portugal, quarenta e três dias após a proclamação da república no Brasil.

Dom Pedro II, que desde o golpe republicano havia se mantido controlado, ao ver morta a companheira de tantos anos, escondeu o rosto entre as mãos e chorou. Dois anos depois, ele também iria falecer em um hotel de Paris, e hoje os corpos do casal Imperial repousam na Catedral Imperial de Petrópolis (RJ).

Homenagens à Imperatriz

Várias localidades no Brasil ainda homenageiam a Imperatriz Teresa Cristina, em praças, ruas, e nomes de cidades.

Teresina, a capital do Piauí, recebeu esse nome misto de Teresa e Cristina em 1851; Teresópolis (RJ) é uma bela região que só começou a ser visitada a partir de 1821, inclusive pela família imperial; Imperatriz (MA) foi fundada em 16 de julho de 1852, com o nome de Colônia Militar de Santa Teresa do Tocantins, em 1854 passou a fazer parte do Maranhão e foi elevada a Vila em 1856, recebendo o nome de Vila Nova de Imperatriz, em homenagem a Dona Teresa Cristina.

Para saber mais:

Site IBADE http://www.ibade.org/
Site Portal de Teresópolis http://www.tere.com.br/
Site Portal de Santo Amaro da Imperatriz http://www.portalsantoamaro.com.br/portal/index.php
Site Portal Prefeitura de Imperatriz http://www.imperatriz.ma.gov.br/prefeitura/
Site Bairro do Catete http://www.bairrodocatete.hpg.ig.com.br/

Família Imperial partindo para o exilio

NESTE ANO DE 2009, COMEMORAM-SE OS 120 ANOS DA "PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA", MAS O QUE TEMOS PARA COMEMORAR?

Arnaldo Santana

O povo brasiliero tem motivos de sobra para chorar ao invés de comemorar este dia fátidico para a nossa História.

Existe um senso comum, de que a monarquia brasileira caiu devido à aprovação da Lei Aurea, pela Princesa Isabel no dia 13 de maio de 1888.

D. Pedro II era contrário à escravidão; os fatos históricos comprovam isso. Vejamos:

Em 1864, D. Pedro II escreveu a Zacarias, quando este organizava o seu gabinete:

"Os sucessos da União Americana exigem que pensemos no futuro da escravidão no Brasil, para que não nos suceda o mesmo a respeito do tráfico dos Africanos. A medida que me tem parecido profícua é a liberdade dos filhos das escravas, que nascerem daqui a certo números de anos. Tenho refletido sobre o modo de executar a medida; porém é de ordem das que cumpre realizar com firmeza, remediando os males que ela necessariamente originará, conforme as circunstâncias o permitirem". (Heitor Lyra)

Em junho de 1866 uma Junta de Abolicionistas franceses enviou ao Imperador um apelo a respeito da Escravidão e ele respondeu:

"A emancipação dos escravos, consequência necessária da abolição do tráfico, não é senão uma questão de forma e de oportunidade. Quando as circunstâncias penosas (referia-se à Guerra do Paraguai) em que se encontra o país o permitirem, o Governo Brasileiro considerará objeto de primeira importância a realização daquilo que o espírito do Cristianismo há muito reclama do mundo civilizado". (Heitor Lyra)

Em seu livro, Heitor Lyra diz:

"Essa resposta do Imperador só foi conhecida do público e da maioria dos políticos no Brasil de ***torna-viagem.*** *Para aqueles que não podiam compreender qualquer manifestação oficial sobre os problema dos escravos, e muitos menos partindo do Chefe de Estado ou do seu Ministro responsável, ela fez o efeito, como se disse, de um "raio caindo do céu no país."* A estupefação foi fato geral. Provocou o maior alarme nos meios políticos do país. *"Ninguém esperava tal pronunciamento. Tocar assim na Escravidão*

pareceu a muitos, na perturbação do momento, uma espécie de sacrilégio histórico, de loucura dinástica, de suicídio nacional".

Na abertura da Assembléia Geral Legislativa, em 22 de maio de 1867, o Imperador introduziu a questão da emancipação na Fala do Trono.

"O elemento servil do Império não pode deixar de merecer oportunamente a vossa consideração", ... provendo-se de modo que, respeitada a propriedade atual e sem abalo profundo em nossa primeira indústria - a Agricultura -, sejam atendidos aos altos interesses que se ligam à emancipação". (Emília Viotti)

Emília Viotti em *A Abolição*, comenta:

"O assunto foi, como se vê, fraseado cautelosamente, de molde a não despertar oposição. O Imperador apenas chamava a atenção dos parlamentares para a necessidade de oportunidade, isto é, quando lhes parecesse conveniente, considerar a questão. Ao mesmo tempo, deixava claro que era de seu intento evitar qualquer abalo da agricultura e respeitar os direitos dos proprietários".

Percebemos que o processo de abolição da escravatura foi muito complexo, existiam vários fatores, que impediam sua rápida aplicação. E nesta conjuntura toda, os interesses humanitários políticos e econômicos, estavam em eterno atrito.

"O surgimento das primeiras propostas emancipacionistas na década de 1860 provocaria reações virulentas dos representantes da lavoura escravista, sobretudo a do café, em defesa de seus direitos de propriedade. Nem o Monarca seria poupado quando se utilizou da fala do trono, em 1867, para sugerir à Assembléia que ocupasse da reforma da escravatura no momento oportuno".

"O maior veículo desta reação escravocrata seria as cartas individuais e representações coletivas de fazendeiros publicadas nos jornais".
"A oposição à aprovação da Lei do Ventre Livre representou o momento no qual os interesses empenhados em retardar e controlar o mais possível o processo de emancipação passaram a ser politicamente identificados como escravocratas".

"Para se opor à aprovação do projeto de lei, foram criados os clubes da lavoura e do comércio em todos os municípios cafeeiros do Rio de Janeiro, Minas e São Paulo, sendo que 22 petições de fazendeiros e comerciantes contra a futura lei foram publicadas nos anais da Assembléia Geral".

Roderick J. Barman, em seu livro escreveu:
"... a promulgação da Lei Áurea deu muita popularidade à princesa na massa de brasileiros, que passou a chamá-la de Redentora".

"Ao mesmo tempo, seu papel na abolição suscitou ódio e até desprezo nas classes que controlavam a riqueza do Brasil. Sobretudo os proprietários rurais não lhe perdoavam ter apoiado a abolição sem

nenhuma compensação pela "propriedade" perdida, pois, para eles, os ex-escravos não passavam disso".

"Seu gênero intensificava a rejeição dos fazendeiros, que identificavam direito de propriedade com virilidade. Que uma mulher exercesse o poder já era motivo suficiente para ultraje, mas que se servisse desse poder para privá-los de sua propriedade era, em última instância, um insulto à sua masculinidade".

Em seu livro, Lilia Moritz, diz:

"Com efeito, já no 13 de maio o líder abolicionista José do Patrocínio divulgou a imagem, até hoje popular, de "Isabel , a Redentora", e a monarquia colhia os ganhos e os louros do ato. Popularmente a imagem da realeza agora também associada ao que ficou conhecido como o "isabelismo", ganhava muito e a monarquia era, de fato, "aclamada nas ruas".
No entanto, a abolição definitiva gerava também perdas materiais e levava ao desprestígio de uma minoria muito ativa e extremamente ligada ao trono e que depressa se bandeou para o lado dos republicanos. Por mais que a monarquia premiasse os proprietários rurais com títulos de baronato e alegasse o caráter inevitável da medida, a falta de indenização selava o rompimento com o Estado".

José Murilo de Carvalho, em seu livro relata:

"Quanto a Isabel, se calculava acumular créditos para um terceiro reinado, equivocou-se redondamente. Ganhou, sem dúvida, amplo apoio popular, refletido nas grandes festas de 13 de maio e no título de Redentora que lhe foi dado por José do Patrocínio. Sem discutir o peso real de sua contribuição para a Lei Áurea, é certo que o imaginário popular registrou o título que resiste até hoje às tentativas de o desmoralizar".

"Os republicanos de São Paulo, na maioria fazendeiros, recusaram-se, para a grande irritação e escândalo do abolicionista Luís Gama, a incluir a abolição em seu programa, alegando que era assunto dos partidos monárquicos. A convicção geral era que a abolição causaria a ruína da agricultura, apesar de evidências de crescimento das exportações desde 1871."

"Todas as medidas abolicionistas foram aprovadas na Câmara graças à pressão da Coroa. Uma das duas grandes instituições nacionais, a Igreja Católica, não foi apenas conivente com a escravidão, mas também praticante. A outra, o Exército, manifestou-se coletivamente a favor da abolição apenas em 1887, quando o Clube Militar solicitou ao governo que os soldados não fossem usados para perseguir escravos fugidos."

"A 13 de maio, os escravos eram finalmente emancipados. Nas ruas, o povo celebrou vitória. "Foi o único delírio popular que me lembro de ter visto", disse Machado de Assis, descrevendo as manifestações populares."

Emília Viotti, conclui que:

"O processo que conduziu a esse festivo desenlace fora, no entanto, longo e difícil. Para nós, atualmente, parece possível atribuir-lhe um sentido, uma direção e uma lógica. Para aqueles que participaram desse processo, ele foi muitas vezes incompreensível, cheio de incertezas, angústias e frustrações. Isso foi verdade tanto para os abolicionistas quanto para os que se opuseram à abolição."
"A abolição representou uma etapa do processo de liquidação da economia colonial no país, envolvendo uma ampla revisão dos estilos de vida e de valores da nossa sociedade. Não significou, entretanto, uma ruptura definitiva com o passado. O desenvolvimento da economia cafeeira manteve o país submetido a um novo tipo de dominação colonial, vinculado às correntes industriais e capitalistas internacionais. A racionalização dos métodos de produção, a transição da sociedade senhorial para a empresarial, a melhoria das condições de vida do trabalhador rural, a emancipação real do país fazem parte de um processo ainda em curso".

Assim, concluímos que a queda da monarquia não está ligada somente à questão da escravidão; outros fatores foram determinantes para este lastimável episódio, entre eles, o desejo da Elite em ter o poder nas mãos, ter vários previlégios, que jamais teriam, diante a Sentinela do Imperador D. Pedro II.

Fontes

BARMAN. Roderick J. Princesa Isabel do Brasil - Gênero e Poder no Século XIX.
CARVALHO. José Murilo de, Perfis brasileiros - D. Pedro II, Companhia das Letras, São Paulo, 2007.
COSTA. Emília Viotti da, A Abolição, Editora UNESP, São Paulo, 2008.
LYRA. Heitor, História de D. Pedro II, Volume II, Editora da Universidade de S. Paulo, S. Paulo, 1977.
SCHWARCZ. Lilia Moritz, As barbas do Imperador - D. Pedro II, um monarca nos trópicos. Companhia das Letras, São Paulo, 1998.
VAINFAS. Ronaldo, Dicionário do Brasil Imperial (1822-1889), Objetiva, São Paulo, 2002.

DOM ANTÔNIO DE ORLEANS E BRAGANÇA

Celso Ribeiro, Capitão de Longo Curso da Marinha Mercante, Astrólogo Profissional, Graduando em Psicologia, é apresentador do programa *Visão Política*. Junto com a jornalista Joseane Fonseca, também apresenta o programa *Espaço de Crescimento Pessoal*. Celso Ribeiro, em seus programas, busca contribuir para o crescimento pessoal do ser humano. Em 2006, o apresentador entrevistou Sua Alteza Imperial e Real Dom Antônio de Orleans e Bragança, e a Revista Brava Gente Brasileira condensou a entrevista para seus leitores. Os vídeos desse programa podem ser acessados no link http://www.youtube.com/user/visaopolitica

Entrevista com Dom Antônio de Orleans e Bragança – Parte II

Em setembro, a BGB publicou a primeira parte da entrevista concedida pelo príncipe D. Antônio ao jor nalista Celso Ribeiro, que foi condensada e editada para os leitores da Brava Gente Brasileira. Dom Antônio respondeu sobre sucessão, questão dinástica, e sobre a proclamação da República.

Nesta edição, apresentamos a segunda parte da entrevista.

A MONARQUIA E A POLÍTICA

Celso Ribeiro: Na época das eleições de 2006, o Príncipe D. Bertrand declarou simpatia por um candidato. Isso foi uma posição pessoal dele, ou foi o posicionamento oficial da Família Imperial?

Dom Antonio: Foi uma posição pessoal dele, uma questão de foro íntimo. Nós não aconselhamos as pessoas a votarem nesse ou naquele, inclusive aconselhamos os membros dos Círculos Monárquicos a não darem apoio explícito a um candidato ou outro, porque a Monarquia está acima dos partidos.

CR: A Monarquia é apolítica?

DA: A Monarquia não é apolítica, mas é imparcial. O monarca deve participar, tem que se interessar e tem que ter opinião. Ele não pode dizer amém a tudo o que for proposto pelo gabinete, parlamento, senado, câmara... Se houver alguma coisa que toque gravemente o direito natural, o monarca tem o dever de vetar, e se ameaçarem destituí-lo, que ele perca o trono, mas tem esse dever. É como em uma família, onde o pai tem o dever de proteger os filhos.

CR: Em uma monarquia parlamentarista, como seria a brasileira, o Imperador reina mas não governa. Ele teria também o Poder Moderador, como D Pedro II tinha, e de nomear o Primeiro Ministro?

DA: A Constituição de 1824, que é a mais perfeita das que foram feitas, teria que ser adaptada aos tempos atuais. O Primeiro Ministro seria escolhido pela maioria parlamentar, que apresentaria uma lista tríplice. Normalmente o primeiro nome é que seria escolhido, porque teria a preferência do Parlamento. Mas se esse primeiro nome for uma pessoa com um passado que não condiz com a função que ele assumiria, o monarca pode vetar e escolher o segundo ou o terceiro nome. Os três nomes são indicados pelo Parlamento, mas se os três não servirem, o monarca dirá ao Parlamento para indicar outros. Mas nunca é o monarca quem vai indicar.

CR: Funciona assim em todas as monarquias?

DA: Não, isso seria na monarquia brasileira, com relação ao Poder Moderador, que é um poder muito importante porque harmoniza os três outros poderes. Em uma situação como tivemos recentemente, a questão do Mensalão, corrupção, etc., o Parlamento seria dissolvido pelo monarca, que chamaria a população para escolher novos representantes. Então, é a maneira mais democrática, é uma defesa da Nação. Não pode ser ele a escolher, ele chama a população, "agora vamos destituí-los e vocês escolham outros".
O Poder Moderador também impede que os poderes interfiram uns nos outros, Executivo interferindo no Legislativo, Legislativo interferindo no Judiciário...

CR: A Monarquia sendo suprapartidária, então - independente do monarca - o Primeiro Ministro poderia ser tanto da Esquerda quanto da Direita?

DA: Perfeitamente. Mas o monarca deve estar vigilante para que ele não tome medidas que contrariem o direito natural, que está acima das leis do Homem.

CR: Sobre as questões da Reforma Agrária, gostaria de saber a posição da Família Imperial.

DA: A família e eu pessoalmente somos totalmente contra a reforma agrária. Caso se queira fazer distribuição de terras, pegue-se terras devolutas, terras do Governo, mas não de propriedades privadas, porque é fruto de trabalho acumulado. Como a sua casa, como tudo o que você tem, ganho com suor, seu ou de seus ancestrais. Então confiscar, tomar terras, incentivar invasões, como acontece hoje, nós somos totalmente contra. Acho inclusive que o direito à propriedade é um direito natural. Fala-se em terras improdutivas, mas isso depende da interpretação de cada fiscal, cada autarquia, de cada Estado, e cometem-se injustiças terríveis, como por exemplo, considerar terra improdutiva um pasto, uma área que está em descanso para que se recupere porque já foi muito batida. Outra coisa, para se investir em uma fazenda, o custo é altíssimo, se você compra uma propriedade não pode fazer ela toda produtiva em um ano, isso é feito em longo prazo, dura 10 anos, porque o retorno não é igual ao da indústria de manufaturados, e você tem todos os riscos.

CR: A divisão de terras que seria feita pela Princesa Isabel era diferente?

DA: Seria dentro de terras do governo, não em propriedades particulares.

CR: Existem críticas a Dom Luiz e a Dom Bertrand sobre a questão da TFP, que alegam ser um discurso de extrema direita.

DA. A TFP é simplesmente uma organização que luta contra a Reforma Agrária, contra o comunismo, contra certas coisas que têm acontecido atualmente. Não são de extrema direita... Extrema direita é Hitler, extrema esquerda é Stálin, e se você estudar os dois verá que é exatamente a mesma coisa.

E Dom Luiz e Dom Bertrand não têm nada a ver com extrema direita.

CR: É bom que seja falado, porque é uma das críticas que fazem a eles...

DA: Usa-se muito da calúnia para denegrir uma imagem. E Dom Luiz e Dom Bertrand não têm nada de extrema direita. Dom Luiz sabe muito bem que em uma Restauração, ele exerceria o poder Moderador, e o faria com total imparcialidade.
Eu sou suspeito em dizer, porque Dom Luiz é meu irmão, mas as pessoas que o conhecem sabem que é uma das pessoas mais justas que se tem contato. Seria incapaz de fazer uma injustiça, mas seria firme nas posições que colocariam em risco a segurança, o bem-estar da Nação.

CR: Defenderia, como o senhor falou, os direitos naturais do povo brasileiro. Quais seriam esses direitos naturais?

DA: Há vários. Por exemplo, o direito à vida. Nós somos totalmente contra o aborto, porque achamos que desde a fecundação já existe o Homem, de corpo e alma. Isso tenho certeza, Dom Luiz, Dom Bertrand, eu e meus filhos vetaríamos. É uma das posições, e há várias nesse sentido.

PARTIDO MONARQUISTA

CR: A Família Imperial não faria um partido monarquista, mas não seria de bom alvitre que se criasse um partido que pelo menos defendesse a causa monárquica?

DA: Quando se cria um partido, automaticamente cria-se a oposição. Existem monarquistas nos quadros de todos os partidos, e quando se criasse um Partido Monarquista, esses monarquistas que estão em outros partidos teriam que lutar contra o partido monarquista, o que seria uma contradição muito grande.

CR: Então, dentro dos partidos, seja qual ideologia for, existem pessoas monarquistas?

DA: Sim. O Movimento Monárquico é suprapartidário. Nós não queremos a volta da monarquia por intermédio de uma eleição, por exemplo, pelo partido monarquista tendo a maioria. É preciso haver uma aclamação, Aclamação dos Povos, plebiscito.

CR: Esse trabalho está sendo feito?

DA: Sim, é um trabalho de base, que está sendo feito nas grandes cidades do país. Trabalha-se com jovens, com diversos setores, em diversas cidades. São reuniões, palestras, preparando para a verdadeira monarquia, esclarecendo o que é monarquia. O que se passou para a gente nas escolas? Que o monarca colocava a coroa na cabeça, tirava o dinheiro do povo, fazia grandes palácios, dava grandes festas e podia matar quem quisesse. E não é nada disso, a monarquia é uma instituição diferente, baseada na família. O modelo monárquico é o modelo familiar.

CR: Esse trabalho monárquico seria uma estratégia no sentido doutrinário?

DA: Temos que esclarecer o que é a monarquia e por que a monarquia é a melhor forma de governo.

HISTÓRIA

CR: Quando nós vamos mudar os livros de História?

DA: Já estão começando. Estão sendo feitos trabalhos de pesquisa, livros que já estão nas livrarias. Por exemplo, D. João VI já está sendo reabilitado. Ele foi muito maltratado pela História republicana, citado como um mole, que não queria saber de nada, só de comer frangos. Mas foi D João VI quem lançou os alicerces da nossa nação.

CR: Todas as instituições que ele criou eram fortes. Ele desenvolveu o país, não é?.

DA: Ele criou a Escola de Medicina, a Escola Militar, Escola de Belas Artes, Banco do Brasil, Correios, Jardim Botânico, e várias outras instituições. Se quisesse manter o país em situação de Colônia, ou se fosse uma pessoa que não se interessasse, como se mostra, não teria feito isso, não teria lançado todos esses alicerces.

CR: Napoleão é considerado um dos maiores generais de todos os tempos, entende-se por que ele se retirou.

DA: Com relação a Napoleão, essa saída não foi uma fuga, foi uma saída estratégica.
Se você sabe que está vulnerável onde você está, mas tem um lugar que você pode defender, aonde ele nunca chegará, e com isso ele não conseguirá tomar o seu país, por quê você não se muda para lá provisoriamente? Foi o que Dom João VI fez. Napoleão disse que foram três as suas derrotas: a Armada inglesa, o inverno russo e o Príncipe Regente de Portugal, que ele não conseguiu pegar, sendo derrotado inclusive em campo de batalha.

O PLEBISCITO DE 1993

CR: Em 1992, as pesquisas apontavam 23% para a vitória da Monarquia, e o deputado Roberto Magalhães concedeu uma entrevista aos jornais dizendo, palavras dele, que era preciso fazer alguma coisa senão a monarquia iria ganhar. O que os republicanos fizeram?

DA: Aí houve uma questão muito delicada. O lado legítimo foi alijado da campanha oficial da televisão. Porque quando foi feito o plebiscito, foram criadas várias frentes: houve a Frente Parlamentarista Republicana, duas Frentes Republicanas Presidencialistas, uma criada pelo Brizola; e houve a do Cunha Bueno, que era a Frente Parlamentarista Monárquica, que propagava que o Parlamento escolheria o monarca. E foi criada pelos monarquistas verdadeiros, legitimistas, que eram a grande maioria, a Frente D. Pedro II, mas o edital sobre como deveriam ser criadas as Frentes foi divulgado uma semana antes de ser decidido. Claro que quem já estava lá dentro, conhecia.

CR: O que fizeram com os monarquistas com a famosa Cláusula Pétrea?

DA: Quando foi proclamada a república, provisória, seu primeiro decreto foi proibir qualquer instituição que colocasse em risco o regime republicano. Isso afetava diretamente os monarquistas, e ficamos amordaçados durante 99 anos, de 1889 até a Constituição de 1988, quando retiraram essa Cláusula Pétrea, graças em especial a uma Carta de Dom Luiz aos constituintes. Claro que Cunha Bueno também esteve trabalhando nisso, e também Dom Bertrand.

CR: Aliás, ele (Dom Bertrand) não pára, não é?

DA: Exato, e isso não se fala também, não é? Mas sobre a carta de Dom Luiz: ela convenceu, e favoreceu para que os constituintes retirassem essa Cláusula Pétrea.

CR: Quer dizer, os monarquistas ficaram 99 anos calados. Era crime ser monarquista?

DA: Era crime Lesa-Pátria. Quem fizesse um movimento monarquista seria como se fizesse uma traição à Pátria, sujeito a exílio, prisão.

CR: E isso só caiu em 1988... Hoje, a Família Imperial é recebida pela República, é ouvida?

DA: A Família Imperial é recebida nas cidades e nos Estados, sim. Não a nível federal. A nível federal, a Família Imperial foi convidada para o traslado dos corpos de D. Pedro II, Princesa Isabel e Conde D'Eu para Petrópolis, e vários eventos nesse sentido, como os 150 anos da Independência, recepções na Inglaterra, eventos.

CR: O receio é que hoje, a república trate a Família Imperial como coisa folclórica, tendo cuidado porque são perigosos, afinal 1992 ainda está perto...

DA: Isso eles tem, sim.

A REPÚBLICA E OS PRESIDENTES

CR: O senhor acredita que o Presidente Lula, por ter vindo de uma camada pobre, por ser nordestino, realmente não pertence às elites, ou elas o deixaram assumir o poder?

DA: Nesse problema eu não quero entrar, porque enfim, o que interessa dizer em relação à República é que a história se repete. Entra presidente, sai presidente... no começo é um entusiasmo pelo novo presidente, mas depois de dois ou três anos sempre se tem saudades do anterior.

O CONVITE DOS MILITARES

CR: Gostaria que o senhor confirmasse, se logo após a revolução (de 1964) o seu pai foi chamado para que se restaurasse a Monarquia.

DR: Houve um grupo que foi chamá-lo, pouco antes da revolução.

CR: Pouco antes? Eles queriam fazer a revolução, e entregar?

DR: A revolução foi em 64, e eles foram ao Paraná (Dom Pedro Henrique residia no interior do Paraná, nota dos editores) um pouco antes. A data exata eu não sei, mas foi no ano da revolução. Veio um grupo ver se o meu pai assumiria, e ele disse: "Não, eu não assumo por intermédio de um golpe militar, a única maneira de eu assumir é por aclamação dos povos" – que é o plebiscito, ou então um grito muito forte da população, a população toda saindo às ruas...

A MÍDIA E A MONARQUIA

CR: Para que aconteça uma aclamação, a população tem que ser informada, e não se dá voz para essa informação...

DA: Sim, isso a grande mídia não deixa passar. A pequena mídia é perfeita, séria, porque não tem esses vícios. É aberta e honesta. No plebiscito, os pequenos jornais locais, nas pequenas cidades, fizeram cobertura perfeita, mas a grande mídia, não.

CR: Como é que se quebra isso, Dom Antônio? É muito difícil?

DA: Muito devagar, e com muita paciência, consegue-se. É preciso fazer esse trabalho de base. A grande mídia muitas vezes vai atrás, e quando vê que o movimento é forte, que a população está fervendo nisso, ela abre. Nesse sentido, a pequena mídia está à frente, porque ela é aberta.

CR: Que argumentos Dom Antônio utilizaria para convencer o poder econômico a apoiar a restauração da monarquia?

DA: Os mesmos argumentos que se utilizaria para qualquer um. Não é o poder econômico que a gente visa, a gente visa o esclarecimento de toda a população. A monarquia não pode estar ligada a poder econômico, a grupos, ela está acima. O poder econômico, claro que vai se interessar a partir do momento em que vir que a monarquia vai dar mais segurança ao país. Mas não é só o poder econômico, é a população. Hoje, a classe mais sofrida é a classe média. Quando havia crise econômica no país, geralmente se restringia às grandes cidades, mas hoje nas pequenas cidades o bazar está fechando, a pequena oficina que passava de pai para filho está fechando... Então, a população está sendo afetada diretamente, e o papel do monarca é proteger essa população. O monarca não pode tomar decisões no poder executivo, mas pode influenciar para que os políticos tomem decisões que favoreçam a população. Agora, convencer o poder econômico ou não, isso vem deles. Nós não vamos fazer um programa especial para convencê-los "nos apóiem que vocês terão isso e aquilo". Não! A monarquia é uma coisa muito acima disso, ela atinge toda a população.

CR: O poder econômico domina a grande mídia, e o que se manipula de informações a respeito da monarquia é gritante, colocam a monarquia como escravagista, fazem chacotas, mostram como coisa folclórica, e não dão uma conotação séria, não se vê uma entrevista de um membro da Família Imperial na TV aberta...

DA: Algumas vezes nos convidam para certos assuntos que não nos interessam, escândalos... Acontece um escândalo lá fora e querem a nossa opinião, mas aí nós não queremos, porque isso não vai trazer nada para a população. Quando são assuntos que interessam à Nação, aí nós vamos.

SOBERANIA NACIONAL

CR: E sobre a segurança da Amazônia, a Família Imperial tem uma posição oficial sobre isso? Porque os estrangeiros estão de olho na Amazônia...

DA: As ONGs na Amazônia são um perigo, porque estão fazendo praticamente uma colonização estrangeira, dominando áreas, é proteção ambiental, proteções diversas... e elas pertencem a um país ou outro; então defendem os interesses de certos países ou de certas políticas globalizadas. Estão fazendo de tudo para que se tire a Amazônia do Brasil e se transforme em uma nova Antártida.
O cônsul da Bélgica veio me dizer – e teve uma resposta à altura – por quê o Brasil não vende a Amazônia, que isso resolveria toda a questão da dívida externa, e deixaria a Amazônia para que tomassem conta, para que não se acabasse com a floresta e com o oxigênio do mundo. Eu disse: primeiro, a Amazônia não é o pulmão do mundo, e sim os oceanos, e as plantas em crescimento, pela renovação da floresta. Então, é uma falácia. Mas o grande interesse na Amazônia é pela riqueza do subsolo e da biodiversidade, e as plantas medicinais. Por exemplo, há uma grande empresa que comprou uma patente sobre um remédio para reumatismo, e já comprou uma grande área na Amazônia para futuramente lançar esse remédio.

CR: Como se faz para coibir essas ONGs?
DA: Tem que se controlar.
CR: O que está me causando surpresa é que foi o cônsul da Bélgica que praticamente deu essa sugestão (de internacionalização da Amazônia). O que

causa espanto é que a Bélgica é uma Monarquia, e existe até uma relação de parentesco...

DA: Foi uma gafe muito grande. Mas eles já fizeram outras gafes infelizmente, como a questão do prêmio do Rei Balduíno, que normalmente eles dão a instituições que fizeram grandes obras em benefício da população.Foi uma gafe terrivel (*o prêmio foi concedido a um militante político que estava tendo problemas com o Governo Federal da época, nota dos editores*), e Dom Luiz inclusive mandou uma carta ao Rei, que é primo. O governo belga foi muito mal aconselhado por ONGs que estavam aqui.
Dom Luiz disse: "Independentemente da parte ideológica, você está se imiscuindo na política interna de nosso país".

CR: Há um grau de parentesco, isso é bom

DA: E Dom Luiz usou esse grau de parentesco para aconselhá-los.

CR: Esses países não deveriam ajudá-los, ajudar de alguma forma o movimento, já que o país deles é monárquico?

DA: Não. Não interessa se é monarquia ou não, nós não queremos ajuda externa, porque a nossa monarquia é muito particular, nossa.

CR: Este é o posicionamento da Família Imperial?

DA: Exatamente. Como não queremos que venham os americanos, os chineses, os russos aqui, influenciar na própria República, querer impor seus ideais, seus sistemas de governo. Não. E com relação à Monarquia, ela é brasileira, a Família Imperial é brasileira, e nós devemos resolver os nossos problemas sem ajuda externa, porque ajuda externa compromete a imparcialidade e a independência do país.

CR: Dom Antônio, quais são os principais problemas brasileiros hoje, e até que ponto o regime monárquico tem solução para eles?

DA: O principal problema é de ordem moral. O econômico, o social, etc., são conseqüências. O país é riquíssimo, já fizeram de tudo para tentar destruí-lo mas não conseguiram, enfim, a partir do momento em que as Instituições forem moralizadas, em todos os sentidos, principalmente de cima...

CR: Isso porque o governo federal é um espelho?

DA: Sim, e não é ela (a Monarquia) que vai solucionar o problema econômico e social, mas com a vigilância do Monarca para que a política seja séria, os políticos sejam sérios, vai possibilitar ao próprio povo brasileiro que se desenvolva e saia dessa crise. É a população que tem de sair dessa crise, e ela tem capacidade para isso. Agora, quando há corrupção, problemas graves de ordem moral, isso impede o desenvolvimento. A corrupção corrói toda uma sociedade.

CR: E tem o "efeito cascata"...

DA: Apesar da população ser, na sua grande maioria, honesta.
E para concluir, não é o Monarca que vai resolver. Ele não tem o Poder Executivo, ele tem o Poder Moderador. Ele pode coibir, e com isso vai havendo um apuramento da classe política, e no final começa-se a ter a verdadeira classe política, que é boa. E temos políticos bons, e os políticos são necessários. É a grande vantagem da Monarquia: ter alguém imparcial, acima dos partidos, sem interesse próprio. Porque o monarca não precisa fazer conchavos para se eleger, não precisa do poder econômico ou do poder de outro grupo do seu lado para se eleger, e tem uma preocupação porque qualquer ato errado que cometa vai repercutir não só para ele como para seus filhos. Ele vai ter que corrigir, e seus filhos até netos também vão sofrer as conseqüências. Então, ele precisa ter um cuidado imenso nesse sentido. É um regime que traz essa estabilidade, essa segurança.

CR: Suas considerações finais, Dom Antonio.

DA: A última mensagem é sempre uma mensagem de otimismo. Porque o país é tão rico, o povo tão bom, que o brasileiro tem que se orgulhar de ser brasileiro, não pode se deixar desanimar, não pode se deixar levar pela situação atual, que não é uma situação real, é de circunstância. Mas um dia a gente pode mudar e ser uma grande Nação. Nós somos por herança, por vocação, uma grande Nação. O Brasil poderia ser o grande país do mundo, e pode ser ainda no futuro, estar em posição tão alta, tão forte ou maior do que os Estados Unidos. O Brasil tem esse potencial, é só dar condições aos brasileiros.

E os brasileiros não podem desanimar, têm que continuar a ter o orgulho de ser brasileiros, tem que lutar até o fim, e um dia nós chegaremos lá.

ÚLTIMA FALA DO TRONO PROFERIDA NO RIO EM 3 DE MAIO DE 1889.

Augustos e Digníssimos Srs. Representantes da Nação,

Animam-me esperanças, que a pátria deposita em seus eleitos, todas as vezes que, a eles reunido, venho abrir os trabalhos legislativos.

As relações do Império com as potências estrangeiras continuam, felizmente, a ser da mais cordial amizade.

A convite das repúblicas Argentina e Oriental do Uruguai, tomou o Brasil parte no Congresso de Estados da América do Sul, que recentemente celebrou suas sessões em Montevidéu para formular, sobre matérias do direito internacional privado, diversos ajustes, a respeito dos quais o Governo resolverá oportunamente.

O Brasil concluiu com vários Estados duas convenções, já promulgadas para a troca de documentos oficiais e de publicações científicas literárias.

A situação interna é próspera em geral: gozamos de tranquilidade. O espírito de ordem da população brasileira prevaleceu nas poucas ocasiões em que fatos isolados, de pequena gravidade, exigiram os conselhos da prudência ou a intervenção da autoridade pública.

O extraordinário rigor do verão, influindo sobre causas mórbidas, que a higiene ainda não removeu, determinou o aparecimento de epidemias nesta cidade, e nas de Santos e Campinas, na província de S. Paulo.

A prontidão dos socorros e de providências adequadas atenuou os estragos do mal, que está extinto na capital do Império, e tende desaparecer nas outras cidades.

Esta calamidade acresceu à seca, que infelizmente ainda aflige algumas províncias do norte, onde parece inutilizado o trabalho agrícola, pois que deixaram de realizar-se as esperanças renascidas com as primeiras chuvas.

No empenho de debelar as causas evitáveis de enfermidades, e de suavizar os eleitos das condições climatéricas das províncias assoladas pela seca, o Governo tem tomado providências que o vosso patriotismo e sabedoria completarão.

Entre as exigências da instrução pública, sobressai a criação de escolas técnicas adaptadas às condições e conveniências locais; a de duas universidades, uma ao sul e outra ao norte do Império, para centros de organismo científico e proveitosa emulação, donde partirá o impulso vigoroso e harmônico de que tanto carece o ensino; assim como a de faculdades de ciências e letras, que, apropriadas às províncias, se vinculariam ao sistema universitário, assentando tudo livre e firmemente na instrução primária e secundária.

Também vos recomendo a necessidade de atender ao desenvolvimento do culto e ensino religioso, pela criação de um bispado em cada uma das nossas províncias, em geral tão extensas, que não podem estar reunidas em poucas dioceses, sem prejuízo da ação e doutrina pastoral.

Confio que realizareis na presente sessão a reforma da administração local, no sentido de desenvolver praticamente o espírito liberal de nossas instituições.

A administração superior requer a divisão dos ministérios, de modo que negócios de interesse geral, como os da instrução pública, possam ter mais facilmente administradores de especiais habilitações.

Espero que vos ocupareis não só dos projetos para melhorar a organização judiciária e reprimir a ociosidade, mas também da criação de tribunais correcionais.

Ainda no interesse da administração da justiça, é tempo de satisfazer a uma dupla promessa da Constituição do Império: a criação, nas províncias, de novas Relações, necessárias para a comodidade dos

povos; e a redação do código civil. A primeira ideia facilitará a interposição ou o provimento dos recursos, e os melhoramentos da organização judiciária dependentes deste fato; a segunda é reclamada pelas incertezas e imperfeições do nosso direito privado atual.

SENADO IMPERIAL

As rendas públicas continuaram a crescer como no ano passado, além das previsões do orçamento, e o mesmo se dá no exercício corrente. O desenvolvimento do comércio e das indústrias vai atraindo capitais estrangeiros, em moeda metálica, que circula com diferença, para menos em relação ao papel do Estado, agora acima do valor do nosso padrão monetário.

O Tesouro Nacional, livre da avultada dívida flutuante, que veio de anteriores exercícios, tem disposto de meios mais que suficientes para as despesas internas, sem necessidade de recorrer aos expedientes de antecipação de receita, e conserva em Londres grande parte do último empréstimo, para as suas aplicações legais.

Em tais circunstâncias muito se recomendam ao vosso patriotismo instituições de crédito, que prestem recursos à maior atividade industrial, e operem a conversão do nosso meio circulante, colocando-o segura e definitivamente em bases normais.

Em virtude da emancipação civil, que decretastes na sessão transata, vai prosseguindo regularmente a substituição do trabalho, sem os abalos profundos que em toda a parte sucederam a crises desta natureza. A classe agrícola compreendeu que ficara inútil e sem valia uma propriedade, que nem era mais suscetível de posse, e inaugurou resolutamente o novo regime, do qual provirá a regeneração e o aumento das indústrias.

O Governo tem auxiliado, com os meios que lhe concedestes, esse movimento da transformação econômica e social.

Assim que tem posto o maior empenho em estender a rede de viação férrea, quer autorizando o prolongamento das estradas pertencentes ao Estado, quer concedendo garantia de juros para as que podem ser construídas, em condições vantajosas, por empresas particulares.

Não têm sido menos solícitos os altos poderes do Estado em auxiliar a agricultura e outras indústrias, favorecendo a corrente imigratória, já avolumada, e em grande parte espontânea, pelos exemplos de prosperidade dos estrangeiros que procuram a nossa pátria. Ascenderam as entradas, o ano passado, ao número de 131.000 imigrantes; as dos últimos meses anunciam resultado maior.

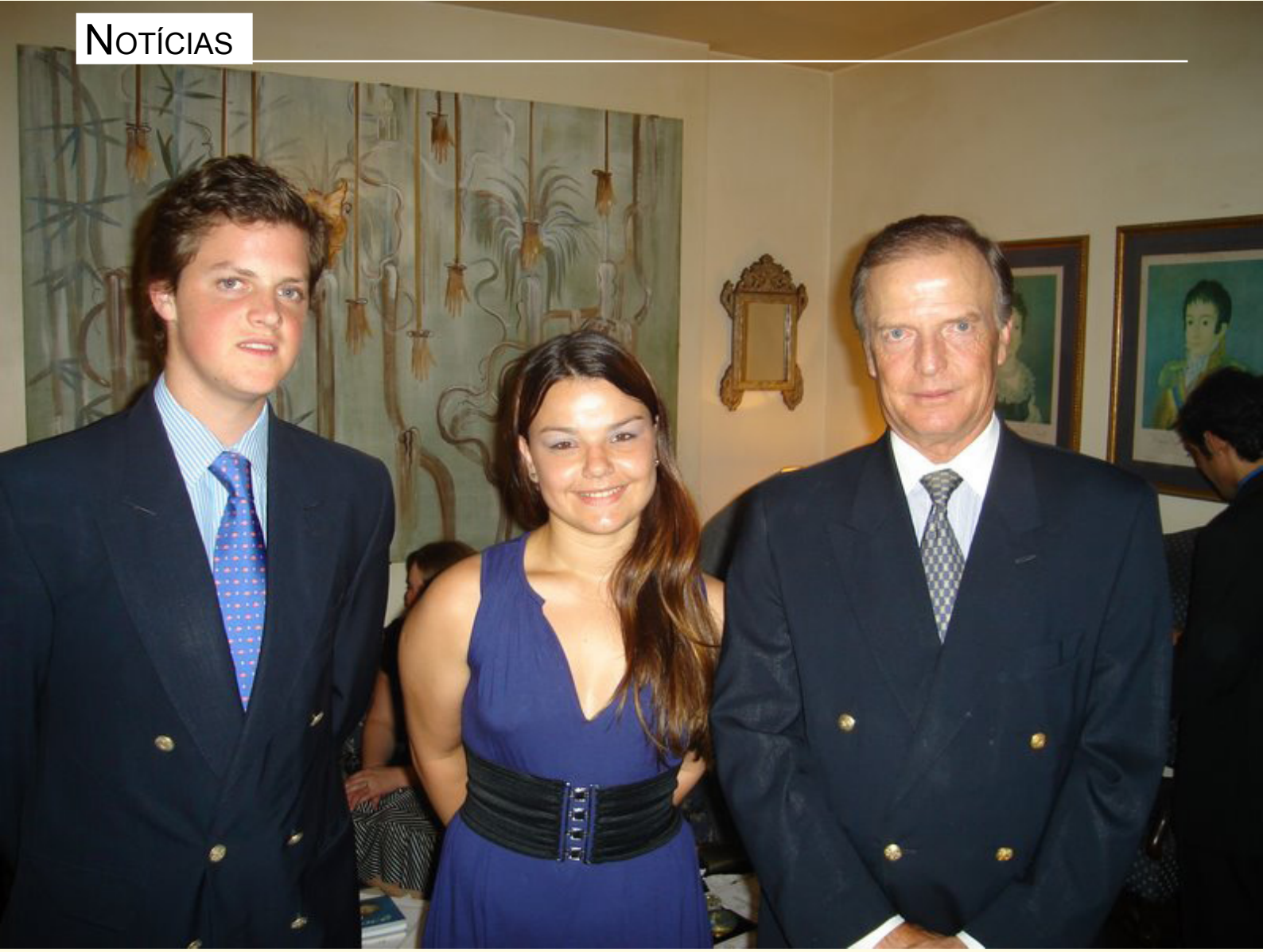
Para fortalecer a imigração e aumentar o trabalho agrícola, importa que seja convertida em lei, como julgar vossa sabedoria, a proposta para o fim de regularizar a propriedade territorial e facilitar a aquisição e cultura das terras devolutas. Nessa ocasião resolvereis sobre a conveniência de conceder ao Governo o direito de desapropriar, por utilidade pública, os terrenos marginais das estradas de ferro, que não são aproveitados pêlos proprietários e podem servir para núcleos coloniais.

Cumpre-me lembrar-vos a necessidade de adiantar a discussão do código penal e do processo militar. A sub-rogação dos antigos regulamentos de guerra por uma lei mais de acordo com a moderna ciência penal, é aspiração constante e justíssima do exército e da armada.

Augustos e Digníssimos Srs. Representantes da Nação,
Muito haveis feito pelo progresso e felicidade de nossa Pátria, porém muito resta ainda por fazer em uma nação nova, de extenso território, cheio de riquezas naturais, e votada pela Providência aos mais esplêndidos destinos. Se é grande o encargo que assumis, não é menor o vosso patriotismo, e o Brasil o recorda com a mais segura confiança.

Está aberta a sessão.

D. Pedro II,
Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil.



JORNALISTA LANÇA LIVRO "PRÍNCIPES DO BRASIL"

http://brasilimperiohoje.wordpress.com

A jornalista Michelly Ribeiro fez a apresentação de seu livro "Príncipes do Brasil" no dia 30/09/2009, como Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo na FATEA (Faculdades Integradas Teresa D'Ávila) situada a Avenida Peixoto de Castro, 539, Vila Celeste, Lorena/SP.

Para realizar esse trabalho, a estudante criou, em dezembro de 2008, o Blog Brasil Império Hoje, onde foi registrando suas impressões, colecionando notícias e compartilhando com amigos todos os progressos obtidos.

Tornou-se uma rotina para seus colegas e muitos monarquistas acompanhar a trajetória de Michelly, suas descobertas, seus contatos. Em agosto, o Blog já contabilizava 4376 visitas.

Morando em Guaratinguetá (SP), Michelly precisou viajar para entrevistar os príncipes Orleans e Bragança, e para participar de uma reunião em fevereiro com o grupo monarquista jovem "Restauradores", no Rio de Janeiro – onde conheceu Dom Antônio e Dom Rafael, príncipes dinastas do Brasil.

Interessada em conhecer todos os aspectos da Família Imperial do Brasil, em março Michelly entrevistou Dom Luiz de Orleans e Bragança, Chefe da Casa Imperial do Brasil, e em maio, Dom João Henrique de Orleans e Bragança, príncipe do ramo Petrópolis.

Para escrever esse livro-reportagem, a jornalista preocupou-se primeiramente em entender a História da Família Imperial do Brasil desde a vinda da Corte Portuguesa. Para isso, fez várias leituras prévias, e também teve a oportunidade de conhecer monarquistas e receber boas recomendações de leitura. Do professor Otto de Alencar de Sá Pereira, ela recebeu o livro "Diálogos Monárquicos". Leu também "A solução é o rei", de Antônio Henrique Cunha Bueno, "Retrato do Brasil depoimentos" da editora Política, "1808" de Laurentino Gomes, entre outros.

Acompanhou a tragédia do vôo da Air France em junho, que vitimou S.A Dom Pedro Luiz. Após tantos meses estudando a Família Imperial e convivendo com monarquistas, Michelly sensibilizou-se com a morte de Dom Pedro Luiz, tendo enviado uma bela carta de condolências à Família Imperial, que a Revista BGB transcreve aqui, para os leitores (ver quadro).

Finalmente, o livro ficou pronto. Com capa de Natássia Kuraiem, "Príncipes do Brasil" é sem dúvida o coroamento do esforço pessoal desta nova Jornalista, e um estímulo para que outros estudantes abordem também esse tema tão rico.

A equipe da Revista Brava Gente Brasileira aguarda com muito interesse a publicação do livro, e deseja muito sucesso para a nova jornalista.

Carta à Família Orleans e Bragança, Julho/2009

Michelly Ribeiro

Já faz um mês do misterioso sumiço do voo 447 da Air France e eu estou aqui para demonstrar-lhes meu pesar e oferecer-lhes minhas palavras de conforto.
Durante todo esse tempo que estive pesquisando sobre a Família Imperial brasileira, sobre os príncipes e a monarquia, me envolvi muito e me senti, a cada dia, como parte desta família. Confesso que criei um carinho todo especial, sem poder (pois meu trabalho é jornalístico e não posso criar vínculos), mas ao mesmo tempo acredito que barreiras devem ser transpostas, afinal, a vida é curta e temos muito a aprender com ela e com as pessoas que nos rodeiam, sejam elas hierarquicamente superiores a nós ou não.
A questão é que eu jamais imaginei que fosse chegar tão longe com este trabalho, a ponto de me transformar em uma monarquista e enxergar os componentes da família como pessoas próximas a mim. Senti essa firmeza conversando com monarquistas que vivem na Casa Imperial, com os restauradores do Rio de Janeiro, com a Família Imperial que vive em São Paulo e também no Rio.
Vocês realmente são uma verdadeira família, que posso afirmar pelo contato que tive, são exemplos para o Brasil.
Fiquei muito triste com o desaparecimento de dom Pedro no trágico voo no dia 1º de junho. Posso dizer aos senhores que, acompanhei toda essa situação de perto e junto a vocês, pois a TV Canção Nova fez a cobertura do ocorrido e a cada dia que passava, mesmo sem eu ter conhecido dom Pedro ou conversado com ele, parecia que uma angústia dentro de mim aumentava e foi aí que percebi que, para quem acredita na monarquia, a Família Imperial é a verdadeira família do povo brasileiro.
Tive esperanças de que as forças armadas pudessem encontrá-lo vivo ainda nos primeiros dias, mas conforme o tempo foi passando já podíamos prever que ele pudesse estar junto aos 227 outros passageiros do voo bem perto de Deus e longe das dores desse mundo.

Tenho a certeza, hoje, de que ele está cuidando ainda da restauração da monarquia de lá de cima, junto à sua família e inspirando seu irmão dom Rafael para que cuide de tudo com dedicação e sem desanimar jamais.

Quando conheci dom Rafael senti que ele tem um enorme respeito pela causa e pude sentir que dentro dele existe um grande homem disposto a cuidar de tudo o que é de sua família e do que é o melhor para o Brasil. Mesmo sem conversar com ele por bastante tempo, pude sentir sua responsabilidade gritar em seu semblante.

Força dom Rafael! Força Dom Antonio! Muita força dona Christine! A monarquia agora depende dos senhores para continuar e tenham a certeza de que dom Pedro está com vocês, guiando e iluminando seus passos e torcendo pelo ideal monárquico!
Gostaria muito de poder, assim que possível, colher um depoimento de Dom Antonio e Dom Rafael sobre dom Pedro Luiz para o meu livro-reportagem que ficará pronto no final deste ano, se Deus quiser!
Aguardo o retorno dos senhores!

Paz e bem!

XX Encontro Monárquico - 2009

Os Monarquistas estão se preparando.

Realizado no dia 12 de setembro de 2009, o XX Encontro Monárquico da Imperial Cidade do Rio de Janeiro superou as expectativas. Preparado para 60 pessoas, o salão do Hotel Novo Mundo, na praia do Flamengo, ficou pequeno para os mais de 120 presentes, o que foi uma surpresa para a secretaria do Pró Monarquia e também para os príncipes que muito comentaram ao final do encontro a quantidade inesperada de participantes.

Decorando a sala de conferências estavam às belas telas da Artista plástica Giselda de Oliveira com sua coleção sobre a Família Imperial, em imagens históricas e atuais, entre os quais a fotografia dos príncipes, D.Luiz, D.Bertrand e D.Antônio de Orleans e Bragança que ficaram respectivamente atrás de cada um de Suas Altezas na mesa de trabalhos.

O Encontro ofereceu diversificadas palestras, sendo uma delas ministrada pelo Chefe da Casa Imperial, o Príncipe D. Luiz, que falou sobre o Santo Condestável Nun'Álvares Pereira. Sua alteza fez um relato detalhado sobre toda a história de Nuno Álvares Pereira e de sua importância histórica, podemos ver abaixo um breve resumo da história do Condestável de Portugal:
Nuno Álvares Pereira, também conhecido como o Santo Condestável, São Nuno de Santa Maria, ou simplesmente Nun'Álvares (Paço do Bonjardim ou Flor da Rosa[i], 24 de Junho de 1360[1] – Lisboa, 1 de Novembro de 1431[2]) foi um nobre e um guerreiro português do século XIV que desempenhou um papel fundamental na crise de 1383-1385, onde Portugal jogou a sua independência contra Castela. Nuno Álvares Pereira foi também 2.º conde de Arraiolos, 7.º conde de Barcelos e 3.º conde de Ourém.

Camões, em sentido literal ou alegórico, explícito ou implícito, faz referência ao Condestável nada menos que 14 vezes em Os Lusíadas.

Uma escultura sua encontra-se no Arco da Rua Augusta, na Praça do Comércio, em Lisboa e no castelo de Ourém. Tem também uma estátua em Flor da Rosa,[3] um dos dois locais apontados como sua terra natal.

São Nuno foi canonizado pelo Papa Bento XVI em 26 de abril de 2009.[4] Segundo Fernão Lopes, D. Nuno Álvares Pereira foi um dos filhos naturais de D. Álvaro Gonçalves Pereira, Prior da Ordem do Hospital, e Iria Gonçalves. D. Nuno Álvares Pereira cresceu na casa do seu pai até aos seus treze anos[5] e foi lá que se iniciou "como bom cavalgante, torneador, justador e lançador" e, sobretudo onde ganhou gosto pela leitura, lia nos "livros de cavallaria que a pureza era a virtude que tornara invencíveis os heróis da Távola Redonda, e procurava que a sua alma e corpo se conservassem imaculados"..[6]

Do seu casamento com D. Leonor de Alvim, o Condestável teve três filhos, mas apenas uma filha teve descendência, D. Beatriz Pereira de Alvim, que se tornou mulher de D. Afonso, o primeiro Duque de Bragança, dando origem à Casa de Bragança, que viria a reinar três séculos mais tarde.

Entre as palestras que mais chamaram a atenção estava a do Professor Dr. Rogério da Silva Tjader, "Os 100 anos de S.A.I.R o príncipe D.Pedro Henrique de Orleans e Bragança", e a do Sr. José Carlos Alves de Matos Sepúlveda da Fonseca: "O Brasil ante as disputas Geopolíticas na América Latina".
O Professor Dr. Tjader chamou a atenção em fatos importantíssimos sobre a

história do movimento monárquico durante o período em que D.Pedro Henrique ainda se encontrava na Europa. Sendo o professor um dos monarquistas mais antigos do Brasil ele pode nos mostrar com extrema clareza a dedicação tanto da princesa D.Isabel mantendo contato com os monarquistas durante TODO o seu exílio, relato de monarquistas que trabalharam com o professor, e também de D.Pedro Henrique que como sua avó também mantinha contato com os monarquistas no Brasil, quanto ao fato de D.Pedro Henrique não ter voltado para o Brasil logo que foi revogada a lei do exílio os motivos foram muito além de somente a guerra que acontecia na Europa, por 2 vezes Sua Alteza desejou retornar, mas foi aconselhado a aguardar mais, uma vez pelo fato de seus estudos ainda não estarem completos e outra por estar D.Maria grávida.

De acordo com o professor, D.Pedro Henrique era um príncipe extremamente simples e cauteloso quanto a suas atitudes, pois naquela época vigorava no país a Clausula Pétrea, que considerava crime qualquer movimento contra a república, o professor brincou exclamando "Éramos todos criminosos, arruaceiros!". O professor Tjader não deixou a desejar para aqueles que queriam saber um pouco mais sobre D.Pedro Henrique.

Além de todos os dados da vida e trabalho de D.Pedro Herinque que o professor Tjader apresentou ele nos mostrou, pois este carregava consigo documentos da época, como Sua Alteza era respeitada pelas autoridades brasileiras, apesar da Clausula Pétrea, e também o seu reconhecimento nacional como Chefe da Casa Imperial de Jure Imperador do Brasil.

A palestra do Sr. Sepúlveda foi de grande importância, atualidade e animo para os monarquistas presentes e com certeza será também para todos os que a ouvirem. Tratando de fatos que envolvem os assuntos de política externa do Brasil na América e por algumas vezes em outros continentes também a palestra trouxe fatos muitas vezes observados nos jornais brasileiros, fatos ignorados por nós que não os entendemos ou não os damos a real importância que seria necessária.

Ao final de sua palestra o Sr. Sepúlveda fez uma homenagem a D.Pedro Luiz, mas que uma homenagem foi um momento de reflexão para os Monarquistas e todos os que são Brasileiros, apesar de não ser brasileiro o Sr. Sepúlveda conhece o nosso país de maneira incrível e há anos trabalha junto ao Pro Monarquia em favor do nosso país o qual ele adotou como segunda casa.

Em breve a Associação Causa Imperial estará disponibilizando o áudio completo da palestra do Sr. Sepúlveda.

D. Rafael, que após a morte de seu irmão, o príncipe D. Pedro Luiz, passou a ser o quarto na linha de sucessão ao Trono e à Coroa Imperial do Brasil, fez breve discurso sobre a importância da defesa da vida.

Apesar de tímido e gripado no dia do encontro o príncipe fez questão de comparecer e cumprir o seu dever. Cumprimentou diversos monarquistas também esteve presente sua irmã a princesa D.Maria Gabriela.

D. Bertrand de Orleans e Bragança conduziu o encerramento do evento informando que uma surpresa fora preparada, explicou como os monarquistas devem

agir no movimento monárquico e o porquê de não ser uma boa opção a criação de partidos. Logo após, Sua Alteza anunciou que a partir daquele momento seria pronunciado o MANIFESTO DO CHEFE DA CASA IMPERIAL, sendo essa surpresa em questão um atender ao pedido que os monarquistas já fazem há algum tempo. Lido o Manifesto, Sua Alteza enfatizou a importância de divulgá-lo, levando em consideração que esta – a divulgação – deverá ser feita de maneira criativa e não necessariamente por grupos monarquistas formados, mas sim por qualquer um dentro da sua individualidade ou não.

D.Bertrand falou do Brasil Imaginário, o que infelizmente vivemos hoje e o Brasil Real que é o que buscamos com a restauração da Monarquia.

Sua Alteza concluiu pedindo que todos fizessem sua parte dentro do movimento, realizando eventos grandes ou pequenos, com ou sem a presença dos príncipes, que organizassem grupos monarquistas por suas localidades e que o Pró-Monarquia estaria à disposição de todos os que precisarem de ajuda.

As palavras de D. Bertrand foram muito animadoras e puderam nos fazer refletir sobre se conhecemos mesmo o tamanho da força dos monarquistas no Brasil.

Diversas pessoas abriram espaço entre os seus compromissos e fizeram superlotar o encontro; pessoas de todo o Brasil que voltaram para suas casas com mais ânimo em favor do Movimento Monárquico, com mais vigor, para trabalhar por um futuro melhor para o Brasil. Por isso, nós monarquistas devemos sim atender ao pedido da Casa Imperial, divulgando não só este manifesto, mas também todo e qualquer outro evento monarquista que houver em nosso país. Mesmo que em algumas cidades exista apenas um monarquista, este deve lutar pela Causa e se preparar para estar à altura daqueles que tentarem lhe indagar sobre o Movimento Monárquico.

Escritório da Causa Imperial no Rio de Janeiro

Referências Históricas:

1 • 1,0 1,1 Rau, Virgínia. Estudos de história medieval. Editorial Presença, 1986. Pág. 55.
2 • Peres, Damião. História de Portugal: Ed. monumental comemorativa do 8º centenário da fundação da nacionalidade. Portucalense Editora, 1938. Vol II, pag. 25.
3 • Fotografia da Estátua de Nuno Álvares Pereira no Panoramio
4 • Bento 16 canoniza herói nacional de Portugal na BBC Brasil, 26 de abril de 2009
5 • 5,0 5,1 Chronica do Condestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira
6 • 6,0 6,1 CORDEIRO, Valério Aleixo (1921), Vida do Beato Nuno Alvarez Pereira, 2. edição, Livraria Catholica, Lisboa.

PALÁCIO DO QUINTA DA BOA VISTA - DENÚNCIA

No dia 31 de novembro de 2009, a equipe do Escritório da ACI /RJ fez uma visita ao Museu Nacional, para documentar o estado em que se encontra esse prédio histórico, que foi residência de D. João VI, de D. Pedro I e de D. Pedro II, até 1889.

.

O Palácio que abriga a maior instituição de Ciências Naturais da América Latina assim como uma das mais importantes coleções de múmias do mundo situa-se na Quinta da Boa Vista, no Imperial Bairro de São Cristovão, nome oficial reavivado pelo prefeito Cesar Maia.

Fotografando e analisando as instalações do Museu, verificou-se que além de totalmente descaracterizadas, não existem atrativos, e a má conservação não corresponde à sua importância histórica. O Museu é mal iluminado, com pouca segurança, infiltrações, cupins, e tantos outros problemas. As paredes e tetos de grande parte das salas eram decorados com afrescos, que hoje estão todos cobertos por 120 anos de "tintas" que tentam apagar nossa memória.

Estado atual do Museu

Apesar de tudo foi possível fazer uma analise critica e histórica sobre o palácio. O Jardim das Princesas, nome dado ao jardim no qual D.Leopoldina e D.Isabel, filhas de D.Pedro II costumavam passar algum tempo do dia, possui um trabalho de mosaico com cacos de porcelana e conchas, possivelmente feitos pela Imperatriz D.Thereza Cristina, sendo cercado por grades que levam a Coroa Imperial junto à sigla P2º (Pedro II). Hoje o jardim se encontra totalmente abandonado e descaracterizado, e os trabalhos em mosaico estão se perdendo. Por dentro do palácio, que possui todas as suas janelas com saca-

das, foi possível descobrir, entre as sacadas que dão vista para o Jardim das Princesas, uma que é única e possui características monumentais, duas colunas com larga circunferência além de um belo trabalho de estuque simbolizando os dragões dos Bragança, a coroa Imperial e novamente a sigla P.II. Deduziu-se então que seria essa sacada um ponto de onde D.Pedro II observava suas filhas nos seus momentos de lazer no Jardim construído especialmente para elas.

No lance que segue abaixo do Jardim das Princesas, existem duas construções que parecem ser oratórios, um deles imita raízes de arvores que se fixaram nas paredes e rochas o outro imita uma gruta com Estalactites, e essas duas construções ficam localizadas num ponto impressionante de onde é possível ver grande parte da Quinta da Boa vista, a parte de cima que é o Jardim das Princesas possui uma espécie de píer, foi concluído que estes espaços seriam oratórios pelo fato de seu formato lembrar um altar-mor e no seu interior existirem pequenas cavidades nas paredes onde poderia ser colocadas velas e ainda cavidades onde poderiam ser colocadas imagens.

Nos fundos do Palácio foi encontrado um túnel, para onde ele segue não é possível saber. Uma informação que não se encontra em livros, é sobre o sistema sanitário da residência imperial. Na lateral oposta à do Jardim das Princesas ainda existe a fossa utilizada na época, possuindo suas paredes lacradas e cerca de 4 metros de profundidade, além de estar localizada numa área que não possui rios ou lagos, evitando a contaminação de suas águas.

Existem ainda muitas outras partes do Museu que não são abertas a visitação, onde funcionam também os setores de graduação da UFRJ e que guardam relíquias da nossa história, das quais um exemplo curioso é uma sala do torreão esquerdo da fachada do palácio, que ainda possui vitrais riquíssimos da época de nossos imperadores, e que possivelmente foi uma capela.

As demais salas do palácio que ainda são abertas a visitação não possuem suas características originais preservadas, mas há alguns anos atrás foi proposto um plano de restauração do Museu. O projeto foi iniciado e as pinturas originais descobertas, e por isso é possível ver alguns pequenos exemplos das mesmas, mas por falta de verba o plano foi paralisado. A sala da Imperatriz Thereza Cristina e seu oratório ainda possuem estuques e pinturas do teto originais e abrigam a coleção de múmias amazônicas. Já a sala do Trono e Sala dos Diplomatas são abertas para exposições temporárias e, mesmo que em fase de decadência, ainda possuem as pinturas da época da coroação de D.Pedro II, pinturas de grande importância por serem uma técnica com sombras que lembram relevos e ainda por utilizarem adesivos que ajudam na ilusão de que tudo ali é estuque, mas na verdade são pinturas 3D.

Os visitantes do Museu infelizmente não reparam nesses detalhes, mas poderíamos ficar anos pesquisando mais sobre a história do Palácio de São Cristovão e da Quinta da Boa Vista que iríamos descobrir coisas surpreendentes que acabaram ficando perdidas na nossa história. Por essa razão, o escritório da Causa Imperial no Rio de Janeiro resolveu fazer esta visita ao atual Museu Nacional em memória ao Império do Brasil, findo há 120 anos, para que assim todos possam constatar quais os frutos estamos colhendo em conseqüência do Golpe de 1889.

A ARTE DA IMPERATRIZ TEREZA CRISTINA

Há 120 anos, falecia a pioneira na arte do mosaico com porcelana

Segundo o jornalista e mosaicólogo Gougon, a Imperatriz Dona Tereza Cristina é autora dos primeiros mosaicos feitos em terras brasileiras. Unindo e harmonizando as tesselas (como são chamados na arte do mosaico os pequenos fragmentos fixados sobre qualquer superfície plana ou tridimensional),

essa princesa napolitana revelava sua sensibilidade nessa arte. Usando conchas recolhidas nas praias do Rio, e cacos de peças de serviço de chá da Casa Imperial, Dona Tereza Cristina recobriu bancos, tronos, fontes e paredes do Jardim das Princesas.

Irmã do Rei Fernando II das Duas Sicílias, Dona Teresa Cristina chegou ao Brasil em 1843 para unir-se ao esposo, o Imperador D. Pedro II, com quem havia se casado por procuração. Ele tinha 18 anos e ela, 21.

Chamada de "Mãe dos Brasileiros" por sua bondade e preocupação com os pobres, teve uma educação refinada, desenvolvendo seu talento musical, entre outros. Dona de uma bela voz, costumava abrilhantar os saraus com seu canto. Inteligente e sensível, interessou-se pela cultura clássica e pela arqueologia, , por isso sendo chamada de "Imperatriz Arqueóloga".

Quando chegou ao Brasil, trouxe em sua comitiva artistas, músicos e cientistas.

Suas obras em mosaico podem ser datadas, curiosamente, por um rabisco descoberto pela pesquisadora Maria Beltrão, feito na argamassa de um dos bancos do Jardim das Princesas: "29 de julho de 1852" – data em que a princesinha Isabel completava 6 anos de idade. Para o mosaicólogo Gougon, essa datação coloca a obra da Imperatriz como pioneira, por ter utilizado porcelanas em mosaicos pelo menos 50 anos antes de Gaudi e Josep Jujol, considerados revolucionários na arte do mosaico. Gougon ainda ressalta que a obra de Dona Tereza Cristina mereceria ser restaurada e exibida com orgulho, tanto por brasileiros quanto por italianos.

Dona Tereza Cristina faleceu há 120 anos, no dia 28 de dezembro de 1889, apenas 43 dias após o golpe militar de 15 de novembro. A historiografia republicana, tão ávida em procurar defeitos em todos os vultos do Império, jamais pôde encontrar uma mácula na história de vida da Mãe dos Brasileiros.

Fontes pesquisadas:

Site Mosaicos do Brasil http://mosaicosdobrasil.tripod.com/id9.html

D. Pedro II, de José Murilo de Carvalho
www.causaimperial.org.br

NOTÍCIAS SETEMBRO DE 2009

DOM BERTRAND FAZ PALESTRA EM ITU

Com o tema "Brasil, uma nação predestinada a um futuro glorioso", Dom Bertrand, Príncipe Imperial do Brasil, abriu a 30ª Semana Universitária da Filosofia do Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio – CEUSNP, no dia 20 de outubro em Itu, contando com a presença aproximadamente de 550 pessoas, sendo elas provenientes de 33 cidades. O convite foi reproduzido pela "TV TEM" e publicado no Jornais, "Periscópio", "Folha da Cidade", "A Federação" e "O Cidadão" , órgãos de imprensa locais, sendo também enviado a autoridades religiosas, militares e civis, sendo uma parceria do CEUSNP com a Ação Jovem Pela Terra de Santa Cruz.

Antes da abertura da Solenidade, teve solenemente o descerramento da placa alusiva à comemoração, por Dom Bertrand, logo depois foi aberta sessão pelo Vice-Reitor professor Marcos Antônio Anganuzzi que representava o Reitor.

Dom Bertrand foi recebido com aplausos de pé, pelos participantes da palestra nesta terça-feira, no qual os encantou pela sua finura de trato e pela sua prodigiosa memória histórica por tratar com tanta minúcia e segurança a história que marcou a Monarquia no Brasil.

Em sua palestra mostrou a importância de recordamos como surgiu o Brasil, a formação do povo brasileiro pela miscigenação das raças branca, negra e índia. Discursou também sobre a grande importância da vinda da família Real Portuguesa para o Brasil, de modo especial de Dom João VI, por fazer de nossa Terra de Santa Cruz uma grande nação, diferente método aplicado nas Colônias hispano-americanas e até mesmo inglesas, trazendo para nós o que tem de mais pujante para formação de uma Nação, como a fundação da Escola Naval, do Banco do Brasil e outros feitos, depois tratou do potencial que o Brasil possui, tanto pela riqueza de sua fauna, flora e

de seus minerais, e a produção decorrente desses, e apontando os mais relevantes obstáculos da atualidade que impedem esse apogeu. Entretanto, o que lhe chamou mais a atenção foi a alma empreendedora dos brasileiros, conclamando aos universitários e os presentes, de temos a responsabilidade de fazer do Brasil uma grande Nação.

No término o Príncipe foi ovacionado de pé pelos presentes, em seguida ocorreu o sorteio do livro Revivendo o Brasil – Império entregue pelo próprio Príncipe.

Antes de sua palestra o Príncipe fez uma visita aos Campi de Salto e Itu do CEUSNP, logo após a palestra foi convidado a "Cave de São José Marceneiro", para um jantar receptivo pela sua honrosa visita.

NOTÍCIAS SETEMBRO DE 2009

CASAMENTO IMPERIAL NO RIO DE JANEIRO

Um conto de fadas moderno, com nobres de verdade como protagonistas. Primogênita dos príncipes d. Maria da Graça (57) e d. Fernando de Orleans e Bragança (61), irmão do chefe da Casa Imperial do Brasil, d. Luiz de Orleans e Bragança, a psicóloga carioca d. Isabel (31), pós-graduada em Responsabilidade Social, viajou, há dois anos e meio, à Suíça. Lá, trabalhou em um colégio religioso, lecionando para crianças. Em uma folga, foi a Bruxelas assistir à exposição da amiga, a condessa Laetitia d' Ursel (27), Onde ela conheceu Alexander de Stolberg-Stolberg (35), conde principesco alemão, filho dos condes Franz Joseph (65) e Jacqueline de Stolberg-Stolberg (60). Desde então, não se separaram.

Na sexta-feira, 16, o casal de nobres oficializou a união em cerimônia na Igreja Imperial Irmandade de Nossa Senhora na Glória do Outeiro, no Rio. Com vestido do estilista Guilherme Guimarães (66), a princesa subiu ao altar ao som do coro Calíope, sob a regência do maestro Julio Moretzsohn. "Ela estava tão leve e plena, que parecia flutuar", contou d. Maria da Graça, mãe ainda de Maria da Gloria (26) e Luiza Carolina (24). "Isabel é a primeira que caso. Por isso, foi uma emoção única. Tudo parecia um sonho", disse, comovida, d. Maria.

Após a celebração e a bênção, dada pelo padre Jorjão (47), os noivos recepcionaram 300 convidados no Paço Imperial, construção histórica onde a princesa Isabel (1846-1921), bisavó de d. Fernando, assinou a Lei Áurea, em 1888. No local, decorado por Antônio Neves da Rocha (49), quadros do Rio antigo remetiam à época da monarquia brasileira. Em cada mesa, toalhas verdes de richelieu e arranjos de rosas brancas. Enfeites de pássaros de porcelana, como tucanos e papagaios, valorizavam a fauna do país.

O menu do Demar Buffet deliciou os amigos da família com pratos como pato ao molho de figo e cuscuz marroquino e capelete de mussarela de búfala. Na pista, o DJ Alexandre Kahl tocou um repertório eclético, incluindo valsa e rock. Animados, os noivos, que vão morar na Bélgica, deixaram a festa às cinco horas da manhã. No domingo, eles embarcaram para lua-de-mel em Trancoso. Depois, os recém-casados seguirão para a Itália, onde Alexander preparou um roteiro surpresa à amada.

NOVEMBRO DE 2009

PRÍNCIPE DE ASTÚRIAS PARTICIPA DE EXERCÍCIO DA OTAN

HUESCA .- O Príncipe de Astúrias participou hoje de um exercício do exército da OTAN "Halberd-09", que está sendo realizado no Quartel General Terrestre da OTAN (NRDC-SP HQ), a fim de avaliar as suas capacidades de implantação, a autonomia e disponibilidade.

Como já informou o diários do ALTOARAGÓN, é realizado de 17 de outubro até 11 de novembro, um exercício de simulação para melhorar os procedimentos de trabalho e testar os seus materiais em climas mais frios.

O DUQUE DE VENDÔME APRESENTA O SEU LIVRO EM PARIS

Em Paris, na sala de Rossini, o príncipe Jean de França, Duque de Vendôme, apresentou seu livro "Um príncipe francês" ante de uma audiência de mais de 450 pessoas. Também estiveram presentes a Duquesa de Vendôme, duque e a duquesa de d'Angoulême, a duquesa Sophie de Württemberg e o barão François-Xavier de Sambucy de Sorgue

PRÍNCIPE JOAQUIN DA DINAMARCA EM ANIVERSÁRIO DE CORPO MILITAR DE SEU PAÍS

Sexta-feira de manhã, a comemoração oficial do aniversário de 325 anos do Corpo de Engenheiros de Skive, teve presença do príncipe Joachim e a princesa Marie. O casal real chegou ao local de helicóptero foram recebidos com aplausos dos populares e saudações dos militares.

Em seguida, eles foram com comandante do regimento de Engenheiros, coronel Christian Arildsen, passar por revista os soldados.

O príncipe Joachim é filho da Rainha Margareth II da Dinamarca. Devido à viagem oficial de sua mãe ao Vietnã, ele no momento ocupa a regência até a soberana retornar ao país.

CONGRESSO MONARQUISTA EM SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA

O Círculo Monárquico Imperatriz D. Leopoldina – Santo Antônio de Pádua – RJ, com o apoio da Prefeitura Municipal de Santo Antônio de Pádua – Secretaria de Educação e Cultura – Secretaria de Turismo e a Academia Paduana de Letras, Artes e Ciências – Aplac, – tem a honra de convidar Vossa Excelência, demais membros desta Instituição e Excelentíssima Família para o Congresso Histórico – Monárquico, com a presença de S.A.I.R. D. Antônio de Orléans e Bragança, conforme programação em anexo, no dia 05 de dezembro de 2009 (sábado), às 9:30 horas, no Salão de Convenções do Shopping Café – Rua dos Leites, Centro.

09:30h – Salão de Convenções do Shopping Café- Recepção e entrega de crachás – Composição da Mesa Principal

10:00h – Abertura Oficial do Congresso – Palavra de S.A.I.R D. Antônio

10:15h – 1ª Palestra: A Família Imperial Brasileira – Palestrante: Dr. Ohannes

11:00h – Debate sobre o assunto tratado na 1ª palestra

11:45h – 2ª Palestra – Proclamação da República – Uma visão alternativa – Palestrante: Prof. Dr. Gastão Reis

12:30h - Almoço

14:00h - Almoço

14:10h – Retorno dos trabalhos

14:15h – 3ª Palestra – O Sistema Monárquico – Palestrante: Prof. Tjader

15:15h – Debate sobre o assunto tratado na 2ª Palestra

16:30h – Lanche

17:00h – Palavra do Sr. Gustavo Cintra – Assessor de D. Luis

17:30h – Palavra de S. A. D. Rafael

18:00h – Encerramento – Entrega dos Certificados

20:00h – Jantar e encontro com as autoridades da cidade

Para receber a ficha de inscrição envie email para:

Círculo Monárquico de Santo Antônio de Pádua (circuloimperatriz@hotmail.com)

Filie-se à ACI, através de nosso site

www.causaimperial.org.br

Visite nosso Twitter:

www.twitter.com/causaimperial